

O GLOBO

25 OUT 1995

# Marcio Moreira Alves

DE BRASÍLIA



## 'Global player'

Toda terra é pátria para o forte, escreveu Camões. Fernando Henrique procura viver o preceito, tão à vontade se move pelos chãos estrangeiros que a sua política de fazer do Brasil um **global player** o leva a pisar. Anda pela Quinta Avenida, pelos Champs Elysées ou pela Old Bond Street como se passeasse pelas calçadas da Avenida Paulista. Mistura-se com as gentes, conversa com os políticos naturalmente e trata a imprensa brasileira a pão-de-ló, para que saibamos todos que o nosso presidente é um dos grandes do mundo, reconhecido como tal pelos seus pares, que saem de seus confortos para saudá-lo, como fez Bill Clinton anteontem, contorcendo-se para apertar sua mão.

A naturalidade cosmopolita de Fernando Henrique afaga o nosso ego coletivo, sempre carente de reconhecimento pelos países ricos, antes acostumados a nos ver apenas como a terra do futebol e do café, quando não da destruição da floresta amazônica e dos massacres de crianças de rua. O sentimento que seu sucesso provoca nas elites deve ser parecido com o que sentiam os argentinos dos anos 20, presididos por Marcelo T. de Alvear, amigo dos príncipes e presidentes europeus e que chegou direto à Presidência depois de viver 27 anos em Paris.

Será? Uma andorinha só não faz verão. Os que verdadeiramente mandam, membros do G-7, agora somados aos russos, olham uns para os outros no Hemisfério Norte e só lançam uma mirada para o Sul quando fazem discursos em assembleias internacionais. Nós somos, para eles, o Extremo Ocidente, superficialmente civilizados segundo modelos do Atlântico Norte, mas, na verdade, mais parecidos com os tupinambás que queriam comer o marinheiro Hans Staden do que com os clientes do Bill Gates.

O objetivo maior da política Brasil-global player é conseguir um lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas, quando for ele ampliado para admitir a Alemanha e o Japão.

Meio século depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos continuam a ser a primeira potência militar do planeta, mas, do ponto de vista econômico, a sua hegemonia está aba-

lada, embora continue a existir. Os americanos buscam a participação dos antigos inimigos para dividir o financiamento da ONU, cujos gastos crescentes, sobretudo os militares, suportam em grande medida. Os alemães se fazem de rogados. O primeiro-ministro Kohl achou que não valia a pena atravessar o Atlântico para falar cinco minutos e tirar uma foto coletiva. Foi o único grande a não aparecer em Nova York.

A ampliação do Conselho ainda pode demorar. A inclusão de outros membros, subdesenvolvidos, pode demorar mais ainda. A Índia enfrenta a oposição da China, com quem tem disputas de fronteira e já andou trocando tiros. A escolha de um africano é difícil. A pretensão brasileira, embora não encontre resistência explícita entre os atuais membros do Conselho e tenha até o apoio declarado dos Estados Unidos e da China, não unifica a América Latina. Logo, é uma proposta que arrisca não se materializar durante o atual mandato presidencial.

Se para mim, como observador político, é muito difícil pensar no Brasil como país pequeno, uma espécie de Espanha inchada pela Amazônia, imagino que mais difícil ainda seja para o presidente Fernando Henrique e o seu mais importante ministro, Paulo Renato de Souza, pensar assim.

No entanto, é assim que a comunidade internacional nos considera. Na hierarquia dos embaixadores em Washington devemos estar lá pelo 20º lugar, depois dos seis outros ricos, da Rússia e, talvez, da Ucrânia, potência nuclear, do Canadá, do Estado associado do México, de Israel, dos representantes das monarquias árabes, do Egito.

É verdade que temos uma diplomacia muito competente, cheia de Talleyrands do circunlóquio e do ponto e vírgula, mas o espaço político não depende só da negociação dos diplomatas. Em janeiro de 1968, o editorial do maior jornal japonês assinalou o centenário da revolução Meiji, que modernizou o país, dizendo: "os primeiros cem anos são os mais difíceis". Nós, aqui, mal começamos a nossa modernização. Ainda estamos cheios de barões feudais. Enquanto não nos livrarmos deles, seremos **global players** só de brincadeira.